

Chegou a hora da gente dar mais um passo no nosso modelo prático para alcançar objetivos.

- Eu sou o Cadu Tinoco.
- E eu sou Mandi Tomaz.

Oi, gente! Como vocês estão, CIMT? Espero que bem!

Vamos agora para o nosso passo que fala sobre percepção. Encontre oportunidades. Passo quatro. A gente está aqui numa sequência de passos que são relacionados às nossas habilidades mentais. Nós temos seis habilidades mentais, dentre elas a gente tem a percepção.

A gente já falou da memória, a gente já falou da imaginação, a gente já falou da vontade e agora a gente está falando de percepção. Vamos falar um pouco sobre essa habilidade. A percepção é uma habilidade muito rica, porque ela se conecta completamente com os nossos próximos dois desafios. A gente tem um desafio de habilidades mentais, que a gente está falando agora aqui. São os primeiros seis passos, a gente fala de habilidades mentais.

Mas ela se conecta por completo com as outras habilidades mentais, porque a sua percepção define muito da sua autoimagem. Ela vai ser muito importante na formação da sua autoimagem e na alteração da sua autoimagem também. E ela se conecta com a lei da polaridade. Mais especificamente, quando você dá uma detalhada na lei da polaridade, encontra ali que tudo é relativo.

A gente aprende isso em física: as coisas são relativas. Você precisa de um referencial para conseguir entender esse processo. E nós vamos falar sobre isso com bastante calma. Só queria chamar atenção para a importância da percepção. A percepção é uma coisa que muitas pessoas ignoram. Só que a nossa vida muda a partir do momento que a gente muda a nossa percepção com relação a ela.

Quando a gente está falando de autoimagem, está falando da forma como a gente se enxerga. E a forma como a gente se enxerga traz muito das nossas crenças sobre a gente mesmo. Então, eu me enxergo de uma determinada forma por conta de muitas coisas que aconteceram. Não só por conta de muitas coisas que aconteceram, mas por conta da percepção de como eu interpretei esses fatos que aconteceram.

Então, por exemplo, eu posso ter tido um pai e uma mãe que eram pessoas muito ruins, vamos dizer assim, pessoa ruim, eles brigavam muito, eles batiam nos filhos, o pai era alcoólatra, eram pessoas problemáticas, vamos botar assim. Eu vou ter uma determinada pessoa, que está ali em um ambiente daquele, que vai olhar para aquilo ali e vai falar assim “cara, a minha vida é um fracasso, por conta de tudo que eu passei dentro da minha casa”.

Ela vai acabar, muitas vezes, repetindo aquilo que aconteceu com os pais, por aquele ambiente que ela viveu, então ela incorporou aquilo na autoimagem dela, incorporou a percepção que ela teve sobre aquela vida. Na verdade, a vida dela não vai ser um fracasso por causa das coisas que ela viveu, mas por causa das coisas que ela percebeu. Porque ela tem um problema de percepção.

Do mesmo jeito que a gente também tem pessoas passando pelo mesmo problema que olham aquilo ali e falam assim “cara, eu vou fazer de tudo para guinar a minha vida e parar de passar por essa situação”. E eu não incorporo aquilo na minha autoimagem de forma negativa. Pelo contrário, eu incorporo aquilo como um impulso pra mim. Aquilo formou a pessoa que eu sou e me ajudou a ser uma pessoa melhor.

Quer dizer, a gente tem uma mesma situação com duas percepções completamente diferentes, que formam duas autoimagens completamente diferentes que vão formar hábitos e comportamentos nessas pessoas completamente diferentes. Então, a gente está falando da percepção de um mesmo fato formando duas autoimagens completamente distintas.

Isso é muito real. Quando a gente começa a entender, começa a ser apresentado a esse assunto... você vai ouvir coisas que vão fazer com que você se questione, com que você rejeite inicialmente. Então, eu vou virar para você e falar assim “olha, nada é bom ou ruim, as coisas simplesmente são”. Aí você vai falar “não, peraí, tem coisa que é ruim. Pô, até agora há pouco eu estava gostando, mas que história é essa de que nada é bom ou ruim? É claro que as coisas são ruins. Aconteceu aqui uma aberração. Eu entro na TV, o que está acontecendo com Afeganistão. Como as coisas não são boas ou ruins?”.

E é difícil a gente compreender isso mesmo, e eu entendo. Ao pé da letra é difícil. É difícil mas, quanto mais a gente expande a nossa consciência, mais a gente consegue compreender. Mas nós vamos tentar dar uma clareada nesse assunto. Porque é só uma questão de reconciliar os paradoxos. É só uma questão de reconciliar a nossa compreensão sobre o que a gente está falando.

Quando a gente vive uma determinada situação, isso pode acontecer com a mesma pessoa ou pode acontecer com pessoas diferentes, imagina que você tem uma determinada situação. Isso é bom ou ruim. Uma pessoa diz que é bom, a outra pessoa diz que é ruim. Eu me lembro que uma vez, eu trabalhava na Ambev, um diretor estava dentro de uma reunião, alguém apresentou um resultado para ele e ele falou assim “isso é bom ou ruim?”, aí o cara falou “isso é bom”. Aí o diretor falou “ah, está bom, então tá”. E assim ele seguiu.

E aquilo foi engraçado, me chamou muita atenção. Isso tem, sei lá, vinte anos, quinze anos, não sei... mas me chamou atenção porque, de fato, as coisas podem ser interpretadas como boas ou ruins por pessoas diferentes e também pela mesma pessoa. Então, em um determinado momento da sua vida, você interpreta uma coisa como boa, daqui a pouco você já acha a coisa ruim e vice-versa.

E a gente falou sobre isso quando falou da memória. A memória remete muito para a percepção, ela se conecta muito com a percepção, assim como as seis habilidades mentais se conectam. A verdade é que uma coisa que pode ter sido boa para uma mulher, pode ter sido ruim também para outra. Foi a história que você contou da mulher que foi traída. Uma questão de percepção. Aquilo é bom ou ruim, depende.

A partir de muitos eventos que, quando acontecem, são eventos que a gente não gostaria de viver, podem nascer dali várias lições que vão te levar para uma vida que você nunca sonhou. Eu vou dar um exemplo disso, que é um exemplo conhecido pelo público. Não entendam que eu estou dando um exemplo que é maravilhoso, um exemplo que é referência, estou dando um exemplo, é apenas um exemplo que, como é conhecido pelo público, facilita a nossa comunicação, a comunicação do que a gente quer falar.

A Anitta, naquele naquele documentário que ela fez, no último documentário da Netflix que veio dela, ‘Anitta em Honório’, né? Eu acho que é o nome da série. Ela conta que foi abusada quando tinha quatorze para quinze anos. E ela diz que aquilo foi ocupando de virada na vida dela. Ela fala assim, “foi ali que nasceu a Anitta, foi ali que eu deixei de ser a Larissa e veio a Anitta”.

Quer dizer, foi ali que eu incorporei aquilo na minha autoimagem de uma forma positiva, era o que ela estava falando, por trás de tudo que ela estava dizendo. Então, ali nasceu a personagem Anitta, que é a mulher sexualmente livre, que não é abalada por ninguém, que

não é machucada por ninguém e que vai ganhar o mundo, que vai explodir. E, profissionalmente, essa mulher existe.

Profissionalmente, a Anitta é uma explosão de poder, tem uma base sólida. Então, aquilo ali é ruim? Qualquer pessoa diria que aquilo ali é ruim, o estupro é ruim, ela não queria ter passado por aquilo, tanto que ela chora, tanto que ela tem uma dor ali com relação aquilo.

Mas ela percebeu aquilo como um fato que ela ia transformar em algo que seria bom para ela. Então, é exatamente isso que se está falando. As coisas apenas são. Até um estupro? Até um estupro. Porque de um estupro, você pode fazer N coisas. Foi o exemplo também que eu dei da Watson, daquela menina.

Então, você pode tirar dali, e eu não estou só dizendo que a gente pode encontrar uma oportunidade dentro do problema, eu estou dizendo também que você pode tirar dali grandes aprendizados.

Quando a gente começa a falar de estupro e tudo mais, eu não vou abrir esse gancho agora porque daria um outro podcast, mas a gente tem que entender muito a combinação de energia masculina e energia feminina. Mas não vamos abrir esse parêntese agora porque a gente tem que evoluir na percepção. Em outro momento a gente pode falar um pouco mais sobre isso.

Quando a gente começa a perceber as leis e ganhar consciência delas, a gente chega à seguinte conclusão: a lei da polaridade decreta que tudo tem dois pólos opostos. As coisas não são nem boas, nem ruins. Elas simplesmente são. Elas são fatos. Se é bom ou se é ruim, depende da sua visão, da sua interpretação, depende qual lado você vai pousar o seu olhar. Todo problema tem uma oportunidade.

Esse problema é muito grande, a oportunidade é muito grande. Esse problema é muito pequeno, a oportunidade é muito pequena. O ritmo garante essa compensação. Para quem não está entendendo bulhufas, porque a gente ainda está no início do modelo, tudo vai ficar muito claro quando a gente entrar nos últimos passos, que são relacionados às leis universais, e quando a gente entrar no desafio de leis universais.

Mas o que está sendo falado agora é: saibam disso agora, levem isso como verdade, porque lá na frente vocês vão ver muito, de forma muito aprofundada, essas leis no Caibalion, no espaço do modelo... mas, o mundo, Deus, o todo, ele manifestou o mundo em dois pólos, quer dizer, em dois lados, então vocês vão perceber que tudo tem dois lados.

No mundo físico, é idiota a gente ver isso, é fácil, a gente tem calor e frio, a gente tem alto e baixo, a gente tem contrastes muito grosseiros para conseguir perceber, mas saibam que na nossa mente também existem dois pólos, existem sempre dois pólos e em todas as situações que a gente tem existem dois pólos.

Eu vou dar um exemplo muito fácil da gente se conectar, da gente entender. Todo empresário enxerga em um problema, uma oportunidade de fazer dinheiro. Todo. Ele não faz dinheiro se não existir um problema. Isso significa o seguinte: existe um fato. Para algumas pessoas é um problema, para outras é uma oportunidade. A gente viu isso na crise do covid. Algumas pessoas enriqueceram, criaram negócios milionários, o digital fez um boom absurdo, e umas pessoas empobreceram. E vai ser sempre assim. A lei decreta isso.

As coisas não são nem boas, nem ruins. Elas simplesmente são. Depende de como você lida com elas, da sua percepção em relação a elas. Você precisa saber encontrar oportunidades.

Se a gente olhar para isso, se a gente compreender isso, e começar a ganhar consciência com relação ao fato das coisas terem dois lados, a gente precisa entender que tudo é relativo. E o que eu quero dizer com tudo é relativo? Eu estou com meu celular aqui agora. O meu celular é muito grande quando eu comparo com o tamanho, sei lá, dessa borracha que está aqui. Se eu comparar com o tamanho do nosso apartamento, com a parede do apartamento, ele é pequeno. Se eu comparar com o tamanho do prédio, ele é menor ainda. Isso significa dizer que as coisas são relativas.

O Bob Proctor, quando coloca as sete leis, ele puxa o Caibalion, mas ele dá uma mudada. Então, ao invés dele apresentar o mentalismo, ele apresenta transmutação perpétua de energia, ao invés dele apresentar correspondência, ele apresenta relatividade. Só que a relatividade já está incluída na polaridade. Depois, ele apresenta as outras exatamente como o Caibalion apresenta.

Falou grego agora, mas não tem problema, a gente vai entender lá no futuro. Se apegue ao que você consegue entender. O Caibalion, que é a nossa referência de estudo, que é um estudo milenar, muitos mil anos antes de Cristo, então quatro mil anos, cinco mil anos, dois mil anos, ninguém tem certeza, o que essas leis que estão estabelecidas ali trazem para a gente?

São sete leis. Primeiro, é o mentalismo, depois é a correspondência, depois é a vibração, depois é a polaridade, depois é o ritmo, depois é causa e efeito e depois é o gênero. Essas são as sete leis universais que o Caibalion traz pra gente.

O Bob Proctor traz transmutação perpétua de energia, que é o mesmo que o mentalismo, ele traz relatividade, um pouco diferente da correspondência, ele traz as outras da mesma ordem idêntica: vibração, polaridade, ritmo, causa e efeito e gênero.

E por que eu estou trazendo isso? Porque a relatividade, Bob Proctor buscou uma coisa que se conecta muito bem na comunicação, e a relatividade é muito importante na nossa vida. Você pode se enxergar como pequeno na frente do seu problema ou você pode se enxergar grande e o seu problema pequeno. Tudo é relativo, é você que define. Então, qual é o tamanho que você dá para o seu problema, na sua mente?

Para você, um milhão é muito dinheiro ou é pouco? É relativo. Enquanto você não entende o princípio da relatividade, você não tira proveito dele. Se você quer conquistar uma coisa, se você quer conquistar uma pessoa, você não pode botar essa pessoa como se fosse, sei lá, o deus grego, dez vezes maior que você. Você precisa dar a relação correta, se não a sua mente entende que é demais para você. Então, a relatividade é uma coisa muito prática, muito importante de ser compreendida.

Quando a gente está falando de relatividade, está falando de botar um referencial, do grande e do pequeno foi um ótimo exemplo. E aí a gente pode pensar, por exemplo, em relação a duas pessoas diferentes. Posso falar assim para o cara “ganhar um milhão, para você, é bom?”. Ele vai falar “não, não é bom não, sabe por quê? Porque eu faço dez, vinte... ganhar um milhão por mês não é bom, ganhar um milhão por mês, para mim, é ruim”.

E eu posso chegar para uma outra pessoa e ela falar assim “ganhar um milhão. Quê? Ganhar um milhão? Porra! Como assim ganhar um milhão? Ganhar um milhão? Eu nunca sonhei em ganhar um milhão, eu nem sabia que era possível”. É isso.

Você dobrar o seu lucro é bom ou ruim? Depende. Relativo. Se você estiver esperando dez vezes mais lucro, dobrar é ruim. Se você estiver esperando ter um prejuízo ou ter o mesmo lucro, dobrar é ótimo. Tudo tem um relativo. Quando a gente já fala de relatividade versus

absoluto, absoluto eu não tenho nenhum parâmetro. É bom e é bom. Acabou. É bom ou ruim.

Mas no caso da gente estar falando de coisas práticas, e a gente está falando de um universo manifestado, a gente está falando: tudo é relativo. Deus é absoluto, mas o universo manifestado é relativo, porque tem dois pólos. Isso é muito difícil de entender, e nós vamos dar uma perspectiva prática dentro desse passo, mas é difícil de entender, eu concordo, e a gente vai entender isso num nível mais profundo.

Mas a gente entende, quando fala de uma traição, a gente vê. Você sabe que uma traição pode ser muito ruim, como ela é, ela destrói a vida de algumas pessoas. Vou dar um exemplo: se coloca no lugar de um pai e de uma mãe, aí o filho, a filha está lá em um relacionamento horroroso, que o pai e a mãe falam assim “nossa, não vai dar certo de jeito nenhum. Eu conheço o meu filho, eu estou vendo essa situação e eu sei que isso não vai dar certo, porque eles não combinam, porque uma série de não sei o quê”.

Aí o filho chega e fala “nossa, eu fui traído”, chorando, todo triste. Aí os pais falam “amém, meu Deus! Pelo menos ele vai terminar essa relação. Graças a Deus!”. Então, para um é ruim, mas para outro, ainda bem que aconteceu, porque pelo menos ele viu. E aí até quando a gente está falando de expansão de consciência, a gente vai aprender isso ao longo de todo o modelo, ao longo de todos os desafios, tenham calma para conseguir pegar isso tudo que a gente está falando.

Quanto mais elevada for a nossa consciência, quanto mais expandida estiver essa consciência, mais a gente vai conseguir enxergar o lado bom, mais a gente vai conseguir se treinar a ver, porque isso é um grande treino, a ver o lado bom das coisas. Então, quando aquela pessoa é traída, ela pode ver aquilo como uma coisa ruim, mas se ela é uma pessoa um pouco mais evoluída, no sentido da percepção, se ela já tem a habilidade mental da percepção mais evoluída, mais fortalecida, ela vai falar assim “beleza, eu fui traído, que bom, eu não era casado, que bom, eu não tinha filhos, que bom, que isso me foi mostrado antes de eu casar, ou, que bom, agora eu entendo que eu nutri isso, eu tenho crenças, eu começo a aprender”.

Não é sobre o que o outro fez, eu começo a aprender sobre mim. Dentro de uma situação dessa, eu começo a aprender que, na verdade, eu tinha uma crença de que todas as pessoas não queriam estar perto de mim, todas as pessoas se afastavam, que homens traem, que por ter um filho com um homem ele vai me trair, ele vai sair de casa, ele vai querer uma menina mais novinha.

Então, eu começo a aprender diante daquela situação coisas sobre mim, e eu falo “ah, que ótimo, eu preciso me trabalhar nesse ponto para que eu não repita esse ciclo e eu consiga ter um relacionamento bem sucedido”. Então, essa traição, ela é boa ou é ruim?

Vou confessar que a compreensão disso que nós estamos falando aqui agora foi o que mais fez sentido na minha vida com relação a existência de Deus. Nota: a gente foi treinado pelo desenho que a gente assistia quando era criança que tem o bem e o mal. E a gente tem que lutar contra o mal, a gente tem que fortalecer o bem. Isso significa dizer que tem Deus e o diabo.

E aí, é um grande problema porque você fala que ele aqui é do time do diabo e esse daqui é do time de Deus. Então eu sou do time de Deus. Só que, quando a gente entende que tudo tem dois pólos para gente desenvolver compreensão, para elevar a nossa consciência, que é para sentir que aqui não é muito o caminho, a gente vai falar “ih não, cara, na verdade é só Deus”. A gente precisa aprender a usar o nosso poder. A gente está passando por uma grande fase de aprendizado.

Quando Deus coloca o lado bom e o lado ruim, ele só está falando assim “ache o lado que é bom, o ideal”. Porque quando você ganha consciência dos dois, você fala assim, caraca!

Ontem, por exemplo, a gente estava assistindo Dom. E aí o Dom, quando ele... eu não sei se vocês já viram essa série da Amazon Prime, mas o Dom, quando perde o amigo de overdose, ele vai entrando numa parada muito louca, ele vai se matando, ele cheira cocaína quase até morrer, ele sai e tem uma overdose no meio da rua. Você entende que o fato de você conseguir ver isso mostra para você que aquele ali não é o caminho?

Não precisa existir uma pessoa drogada para eu conseguir ver e falar que eu nunca vou experimentar cocaína. Porque eu tenho que ter medo daquilo ali. Olha só, aconteceu aquilo com aquele cara, você tem que prestar atenção. Então, algumas coisas são muito chamativas para que a gente aprenda por onde é o caminho. E existem pessoas que vão precisar passar por aquilo ali, e muitas vezes são uma grande demonstração para a gente.

Às vezes, elas vão passar por aquilo e vão sentir que não é o caminho, elas vão sair daquilo. Elas vão procurar Deus, vão procurar uma igreja, vão procurar. Existe o outro lado para que a gente aprenda. É por isso que existe o lado ruim. Para você ganhar consciência. Então, você ganha consciência e fala assim “eu nunca vou cheirar cocaína, eu nunca vou me envolver com drogas, porque olha o caminho que uma pessoa toma”.

Isso é tão representativo, porque quando a gente começa a entender, vê que tem dois pólos e perto dos pólos, que são opostos, é ruim, os extremos são ruins. Olha que louco, são coisas opostas, mas quando você chega perto delas, é ruim. É como se os pólos queimassem. É tipo gelo e fogo: te queimam, mas em uma temperatura adequada, é bom.

A gente só está falando aqui um pouco para poder introduzir esse assunto tão complexo e tão rico que a gente vai aprender ao longo de todo o nosso programa. Só que, a partir desse ponto, eu queria trazer para a prática. Então, quem não entender nesse podcast que tudo tem dois lados, assumo como premissa. O que é uma premissa? Eu vou aceitar isso como uma verdade, mesmo que eu não entenda. Eu vou aceitar isso como uma verdade e vou partir daqui como se isso fosse uma verdade.

Tudo tem dois lados. Onde tem um problema, tem uma oportunidade. Tudo que a gente fala aqui, você pode adotar como premissa, porque tudo que fala, a gente já estudou e provou extensamente, mas você faz o seguinte: começa a pegar tudo que a gente está falando e observa, porque o aprendizado só vem quando a gente observa na nossa vida, quando a gente incorpora na nossa vida. Então, você vai começar a perceber tudo que a gente fala aqui na sua vida e na vida dos outros, você vai começar a ter essa percepção, para você conseguir concluir que realmente a gente estava certo, que a gente falou um negócio que fazia sentido.

Então acreditem e não acreditem ao mesmo tempo. Se deem a chance de seguir isso como premissa para vocês conseguirem observar, aí vocês vão constatar que o que a gente estava falando fez sentido. Para a gente conseguir avançar daqui em diante, vamos colocar isso como premissa. Aceitei essa premissa, aí eu vou validar. Vou partir da premissa que isso é verdade.

A partir do ponto dessa premissa, que as coisas são verdade, eu preciso entender como eu uso a minha percepção, porque quem me permite observar esses dois lados do mundo é a minha percepção. E como que eu utilizo minha percepção de forma prática para alcançar objetivos? Como eu fortaleço a minha percepção? Porque todas as habilidades mentais precisam ser fortalecidas. E a percepção é uma delas. Então, como que a gente faz isso?

Se tudo é uma questão de percepção, se tudo tem dois lados, toda vez que eu viver uma experiência, toda a minha memória, eu preciso buscar o lado bom que existe nela. Ou seja, se eu vivi, é bom. E aí vem o Clement Stone: that 's good. Porque quando eu assumo e eu afirmo que uma coisa é boa, eu consigo encontrar o que tem de bom dentro dela.

Se a gente for olhar, tudo tem dois lados. O casamento é uma coisa cem por cento boa? Não, ele não é cem por cento. Você pode encontrar o lado bom, você pode encontrar o lado ruim. “Eu não estou sozinho, eu tenho que conviver com uma pessoa, essa pessoa bagunça a minha casa, não faz tudo do meu jeito, tem que conviver, às vezes eu brigo. Ah! O casamento é uma merda. O casamento me deixa preso, eu não posso sair, eu tenho que dar satisfação”. A mesma pessoa no dia seguinte: “Nossa! Nosso casamento é tão bom, o companheirismo, não tem que ficar sozinho, a gente tem com quem compartilhar a vida, ainda bem que existe casamento”. Então, tudo tem dois lados.

E, como tudo tem dois lados, aí que a gente precisa utilizar isso ao nosso favor. Se você viver uma experiência e classificá-la para você como ruim, significa que você vai incorporar esse fracasso na sua autoimagem. Você vai vestindo suas emoções, camada por camada. Se eu faço uma coisa hoje e eu falo que aquilo foi ruim, eu me coloco para baixo. Mesmo que eu não perceba no momento, mas eu me coloco para baixo. Isso é a pior coisa que tem. É aquele trem, “nossa, hoje foi péssimo”, é a live “nossa, essa live hoje deu pouca gente”. Você vai se colocando para baixo. Sua energia vai só abaixando.

Amanhã você não é mais o mesmo. Por quê? Porque você vai fortalecer uma autoimagem de incapaz, de fracassado. De fracasso. A gente vai ver isso quando falar de Maxwell Malte, lá na frente, no livro ‘Liberte sua personalidade’ no desafio de mudança de autoimagem. É por isso que a percepção se conecta tanto com a formação da nossa autoimagem.

Se você percebe as coisas que aconteceram com você como boas e você fala que isso é bom... “tem pouca gente na live, que bom”. Ué, como assim ‘que bom’? É porque a partir do momento que eu assumo que isso é bom, eu vou procurar o que tem de bom dentro disso. Se teve pouca gente na live, eu posso mudar a live, se teve pouca gente na live, eu posso rever uma série de conceitos. Tudo é uma questão de percepção.

Se eu fui e fiz um treino ruim, eu falo “pô, pelo menos eu vim aqui e fiz um treino, porque eu não ia fazer o treino”. Ao invés de falar que o treino foi péssimo, fala assim “ainda bem que eu vim”. É o final do dia, né? Ao fim do dia eu posso olhar para tudo que eu não fiz ou eu posso olhar para tudo que eu fiz.

Agora eu vou pegar o teu exemplo lá que você falou do estupro. Eu queria esgotar com um exemplo, com um esclarecimento rápido aqui. De novo, assumam a premissa que talvez o que você ainda não compreende é verdade. A gente atrai as coisas na nossa vida. Todo mundo atrai. Tudo que acontece com a gente, a gente atrai. Existe a lei da vibração. Então, a gente atrai tudo.

Significa dizer que você atrai tudo que está em harmonia com você. Se uma pessoa passa por uma experiência indesejada como essa ou como qualquer outra, significa que ela atraiu. E se ela atraiu essa experiência, ela saber que atraiu essa experiência é uma oportunidade dela saber que precisa mudar a frequência que ela vive.

Por si só, qualquer resultado ruim é bom. Porque ele te mostra exatamente o problema que está acontecendo dentro de você, no seu nível emocional, nos seus pensamentos. Então tudo, mesmo as piores coisas que acontecem na nossa vida, são boas. Só que a gente precisa classificá-las como boas.

Esses dias eu estava contando a minha história para uma pessoa, uma amiga minha na

academia. A gente estava batendo papo e eu contei tudo que eu vivi. Várias coisas que eu vivi. Várias coisas com meus pais, com minha família, e eu estava contando, ela falou “não imaginava que você tinha passado por isso tudo”, e eu falei “mas isso tudo é tão bom”, e de verdade, eu acho isso tudo tão bom porque eu falei para ela que eu não seria a pessoa que eu sou hoje se eu não tivesse passado por tudo isso.

Eu, absolutamente, não faria o trabalho que eu faço, não teria atraído o Cadu, não teria nada, não seria a pessoa que eu sou, a pessoa que vai atrás, que corre atrás de fazer as coisas que tem que fazer, que batalha. Por quê? Porque eu olho para isso tudo e eu não me vejo como uma pessoa fracassada, eu dou o significado bom para tudo que aconteceu comigo.

E eu demorei muito para isso. Eu mudei a forma como eu conto a minha história. É uma questão de percepção. Eu não conto com dor. Eu conto narrando o fato. Foi um fato isso aqui, bizarro, mas foi um fato. O significado que eu dei para isso foi: graças a Deus tudo isso aconteceu, porque eu não seria a mesma pessoa.

A partir desse ponto, a gente classifica o seguinte: qual é a minha abordagem prática? Olha, se passou é bom. Essa é sempre a melhor saída que você tem, é sempre encontrar coisas boas em tudo que você viveu, porque isso te fortalece, isso te transforma numa rocha.

Lembra, a criança cai mil vezes antes de aprender a andar, não é porque ela fracassou mil vezes, é porque ela precisa cair mil vezes para o sistema dela desenvolver a capacidade de equilibrar. Então, toda vez que ela cai, ela se corrige, ela fala “opa, aqui não dá, eu tenho que ir me corrigindo”.

Esse é o conceito de antifragilidade do Taleb. Eu tomo a porrada e eu expando, porque é sobre isso, é sobre crescimento. O nosso mecanismo vai se ajustando para tudo na nossa vida. Então, toda coisa que acontece, na verdade, pode ser enxergada como um fracasso, como pode ser enxergada como um aprendizado. Então enxerga como aprendizado, procure oportunidade em tudo que acontece, veja o lado bom de tudo que aconteceu, treina a sua mente para encontrar o que tem de bom no outro, nas pessoas com quem você vai conviver.

Às vezes, você passou por alguma situação, ou está passando, ou passou por essa semana, passou por um dia, passou por alguma coisa, e você não vai conseguir encontrar o lado bom, mas você precisa continuar se esforçando. Você precisa afirmar para você que isso é bom. Porque quando você começa a afirmar “isso é bom, isso é bom, isso é bom, isso é bom”, você vai encontrar o que tem de bom. Isso é uma forma de a gente fortalecer a nossa percepção, porque é uma questão de consciência.

No início, você não vai encontrar. Talvez você fale que é impossível encontrar uma coisa boa nessa desgraça que aconteceu aqui. Mas se você continuar pensando você fala “opa, talvez isso seja bom”. E aí, daqui a três dias você fala “opa, e não é que tem coisa boa mesmo? Caramba! Olha só, fui eu que errei e eu posso fazer diferente”. Você vai encontrar. É uma questão de desenvolvimento de consciência, uma questão de fortalecimento da habilidade mental da percepção.

Isso nós estamos falando do passado. Se você quer usar de forma correta o passo quatro para alcançar seu objetivo, sempre utilize sua percepção para classificar que, o que aconteceu na sua vida e com você, é bom. Isso vai robustecer uma autoimagem de sucesso em você, vai te transformar em um atleta de mentalidade.

Daqui para a frente, e aí eu estou falando também do passo anterior que a gente já falou, de você ressignificar suas memórias, você percebê-las de forma diferente... então, daqui



para a frente, a gente tem que lembrar que tudo é relativo, tudo é relativo, tudo é relativo. Significa dizer o seguinte: se eu não tenho clareza do alvo e do lugar que eu estou indo, eu não sei perceber as coisas que são boas e que me aproximam desse alvo, e as coisas que são ruins porque me afastam desse alvo.

Daqui para a frente, eu preciso ser uma pessoa com capacidade de interpretação. O que te dá capacidade de interpretação, se essa oportunidade é para você ou não? Se isso, de fato, é uma oportunidade ou não? Se você deve aceitar ou não, se você deve abraçar ou não? Se você deve fugir disso, se você deve se aproximar disso? O alvo, a referência. Quem sabe se para a direita é o lado certo que você deve ir ou se é para a esquerda, se você não tiver um endereço para chegar? Vira para a esquerda ou vira para a direita?

Você não sabe. Agora, quando tem uma referência, você sabe “opa, isso daqui me aproxima da minha referência”. A gente está falando de um pré-julgamento. Eu olho aquilo ali, eu julgo se é para mim ou não. Por isso é tão importante o objetivo C. O objetivo C é fundamental para hoje, nós estamos falando de hoje. Hoje, você percebe o ontem como bom e hoje você sabe decidir se a coisa é boa ou ruim para você. Porque você tem uma referência.

Então, usar a percepção é entender que: o meu passado, eu preciso encontrar o que tem de bom nele, e o meu futuro precisa de uma referência que guia e faz com que eu consiga utilizar a habilidade mental da percepção de forma correta. Por quê? Tudo é relativo. Se eu não tiver uma referência, eu não consigo usar a percepção. Eu percebo se aquilo ali é bom ou ruim para mim.

Me ofereceram um emprego. Me ofereceram pagar muito dinheiro, muito dinheiro. E pediram para marcar uma reunião. Eu não quis marcar. Não, não quero. Muito obrigado. Porque não está associado a porra do trabalho que eu quero fazer aqui na rede social, para que eu vou? Quer dizer então que eu tenho um alvo claro. Como que ele percebe aquela situação? Ele percebe e consegue julgar, com base no referencial, que é crescer na rede social, fazer um trabalho digital, trabalhar online, trabalhar dentro de casa, fazer o trabalho que a gente faz hoje.

Então eu tenho o quê? Um objetivo definido, que é o meu objetivo C. Todos os passos estão conectados. Por isso, no primeiro passo a gente já está falando de imaginação. Os primeiros dois passos do nosso modelo já estão tratando do que a gente realmente quer, da gente criar a imagem, criar o referencial. Porque tudo que vai vir depois, a sua autoimagem, a capacidade de decidir, de acreditar também, tudo tem que estar em consonância com o seu objetivo.

Se você tentar fortalecer sua percepção, mas você não tem um objetivo C, você vai ter muita dificuldade, não adianta de nada. É esse futuro, olhar para o futuro tendo um referencial está muito associado à minha escolha, então está associado a um passo que a gente vai conversar mais na frente, que é clareza e decisão.

Eu preciso ter clareza para tomar uma decisão. Então, eu preciso ter o meu objetivo muito bem definido. E aí eu percebo se a coisa é boa ou ruim, se eu devo ir ou não, se eu tenho que ir para a direita, se eu tenho que ir para a esquerda, se eu tenho que aceitar ou não. Porque me aproxima ou me afasta do meu objetivo.

Então, a gente está no presente e nós temos uma visão do passado, em que as coisas são sempre boas, porque eu vou procurar o que tem de bom nelas, e eu tenho uma visão de futuro, que eu tenho uma referência que me facilita perceber as oportunidades que acontecem ou os problemas. Simplesmente me facilita perceber os fatos que acontecem, as oportunidades que eu tenho, as opções que são apresentadas para mim. Eu vou julgá-las,

se elas são pra mim ou não, se elas são oportunidades ou não.

A gente precisa fazer uma outra abordagem prática aqui: toda vez que vocês encontrarem um problema, lembra que tem uma oportunidade. Se o problema for grande, tem uma oportunidade muito grande, escondida ali dentro. Se o problema for pequeno, tem uma oportunidade pequena. Mas toda vez que você tem um problema, você tem uma oportunidade, necessariamente.

Então, esse é um outro recado prático que a gente tem que ter com relação à habilidade mental da percepção. A gente vai entrar no ponto que se está abordando, que é o seguinte: beleza, agora como é que eu encontro a oportunidade do meu problema? E aí a gente tem uma outra abordagem prática que vai trazer isso: quem são as pessoas que são as minhas referências, que estão mais associadas com a pessoa que eu quero chegar, a pessoa que você quer se tornar.

Eu vou dar exemplos aqui para vocês. Vou dar um exemplo: a Lara. A Lara Nesteruk, que é uma pessoa que é grande na rede social, tem uma abordagem bacana dentro da rede social, e eu me identifico com a abordagem dela. Ela é uma pessoa que, quando se trata de rede social e eu tenho que tomar uma decisão, muitas vezes eu busco entrar nessa frequência. Então, o que eu estou falando aqui para você?

Eu tenho um problema: vamos dizer que eu não estou conseguindo crescer na rede social. Eu tiro o problema de mim, eu boto esse problema na mesa e eu começo a buscar as pessoas que já estão lá, já chegaram lá. Eu falo assim “como é que essas pessoas agiriam aqui no meu lugar?”. Quando você faz isso, entra na frequência dessa pessoa, do pensamento dessa pessoa. Você precisa saber mais ou menos a forma como ela pensa. Então, você já olha o problema pela perspectiva dela. Isso é muito poderoso. São exercícios que o Bob Proctor faz e recomenda, eu já fiz inúmeras vezes, inclusive eu entro muito na frequência do Bob Proctor.

E foi uma coisa que eu aprendi com ele, que é: tira o problema de você, escreve o problema num papel e pergunta: o problema está em mim ou está no papel?. Enquanto ele está em mim, eu não consigo tomar a minha melhor decisão. Mas quando ele está no papel, aí eu começo a avançar. Se o problema está no papel, eu vou colocar ele no meio da mesa e vou falar “como eu olho para esse problema? Cadê a oportunidade?”. Aí eu vou para o outro lado da mesa e eu falo assim “como Napoleon Hill olha para esse problema? Como Ford olha pra esse problema?”. E pessoas que você tem como referência. Fiz isso muitas vezes, eu faço isso, eu tiro problema de mim e falo assim “como que o Bob Proctor olha pra esse problema?”

E funciona muito. Porque você, de fato, entra na frequência de pensamento da pessoa, e ali você consegue, de fato, ter uma percepção diferente, mais madura. O que o Bob Proctor faz?

Ele coloca diferentes pontos de vista sobre o mesmo problema. Então, ele bota o papel, ele escreve o problema e ele roda uma mesa e usa a percepção de várias pessoas. E, no final, ele fala “é isso que eu vou fazer”. Isso é muito rico. Isso é muito poderoso.

Então, habilidade mental da percepção, a gente precisa entender que as coisas são fatos e nós damos interpretação para os fatos. Quem são as pessoas que já estão onde você quer estar, que se tornaram o que você quer se tornar em determinadas áreas diferentes, porque provavelmente as pessoas que você vai usar para tomar decisões nas áreas da sua vida vão ser diferentes.

Então uma pessoa, de repente, vai tomar uma decisão de relacionamento, você está com problema no seu relacionamento, você vai olhar e falar “pô, aquela pessoa que traz tão bem

o ponto do relacionamento, que tem um relacionamento tão maduro, como é que ela agiria nessa situação?”. Às vezes, o profissional você vai buscar outra pessoa, que você já tem como referência, “como é que essa pessoa aqui tomaria essa decisão? O que que ela faria aqui no meu lugar?”.

E isso é muito poderoso. Às vezes, você está muito cansado, você fala “ah, eu tenho que gravar alguma coisa, tenho que fazer alguma coisa. Como é que essa pessoa agiria? Ela gravaria ou ela iria dormir agora?” Quer dizer, porque isso também te aproxima de ser aquela pessoa, de produzir as mesmas causas que ela. Então, você começa a ter uma percepção muito diferente, você começa a ter uma percepção muito mais madura, muitas vezes, quando você pega pessoas que já estão em outra frequência, quando você pega pessoas que já avançaram e que já se tornaram aquilo que você quer se tornar.

Para fortalecer o que a gente está ensinando aqui, eu vou dar um exemplo prático. Eu me lembro de, começando na rede social, de um lançamento que eu fiz, primeiro lançamento, e eu executei ali o lançamento, fiz algumas poucas vendas no início e o último dia era o dia de vendas, porque normalmente é no último dia que a gente vende, então eu deixei a venda aberta por alguns dias e no último dia eu ia vender.

Só que eu senti que não tinha energia para venda. Não tinha energia para venda. Porque as pessoas deviam estar com alguma incógnita. Enfim, não tinha energia para venda. Não ia acontecer. Isso foi de um sábado para um domingo, a venda aconteceu no domingo à noite. Eu lembro de ter feito esse exercício. Eu peguei, quatro horas da manhã, na mesa que eu estou sentado agora, eu coloquei o problema, eu olhei para o problema e falei assim “como que o Bob Proctor resolveria esse problema?”. Para tornar uma história longa em uma história curta: eu vendi sessenta mil reais até o final do dia com quatro mil seguidores. Foi uma coisa incrível. Foi assim que eu fiz.

E eu não ia vender. Eu fiz sessenta mil reais com aquele exercício. Então está aí a habilidade prática, o impacto e a importância de você entender percepções sobre uma mesma situação. Eu não tinha um problema, eu tinha um fato. E eu encontrei uma grande oportunidade dentro do fato.

Que passo, hein? Fica o passo prático aí para a gente fortalecer a nossa percepção. E, quanto mais a gente pratica, mais a gente fortalece.

**Mandi:** Bem, estamos aqui terminando mais uma vez um passo prático para alcançar nossos objetivos. A gente tem um modelo prático aqui, que vocês estão escutando, que tem vinte e dois passos. Nossos seis primeiros passos, eles estão associados ao fortalecimento das nossas seis habilidades mentais. Depois a gente tem mais cinco passos associados a nossa mudança de autoimagem e associado a mudança das nossas crenças. E por fim a gente tem os últimos onze passos na parte inferior desse modelo que estão associados às leis universais, quer dizer, pra gente conseguir entrar em harmonia com as leis. Lembra que cada um desses passos tem o seu exercício correspondente. Então você vai pegar lá: bem, semana um da minha vida aqui na CIMT, eu vou ouvir o primeiro passo e vou pegar o exercício correspondente de habilidades mentais. Na semana seguinte, eu vou pegar o segundo passo pra estudar e eu também vou pegar o segundo exercício que está associado às habilidades mentais e assim por diante. Então se eu tenho seis passos de habilidades mentais, eu também tenho seis exercícios. Se eu também tenho cinco passos de autoimagem, eu tenho cinco exercícios e se eu tenho onze passos de leis universais, eu também tenho onze exercícios correspondentes.

**Cadu:** Beleza. É importante a gente lembrar que a nossa vida é uma grande desaceleração do nosso poder de pensar e esse modelo, versão oito da CIMT, ele representa essa desaceleração. Então, quando a gente entende isso, a gente percebe que já na primeira

semana, já no primeiro podcast, a gente já começa a mudar a nossa vida. Quando você internaliza bem os conceitos que estão no primeiro passo associado a nossa imaginação, né? A vida que a gente realmente quer, a nossa vida já começa a mudar ali, mas obviamente que essa não é a melhor forma ou a única forma que a gente tem de mudar a nossa vida. Todos nós somos criadores e isso já é da nossa natureza. Significa dizer o seguinte: se você mudar a sua imaginação você vai tornar isso físico, você vai desacelerar, você vai em algum momento levar isso pra sua rotina, tá? Basta você ficar repetindo aquele novo processo de imaginação, só que...

**Mandi:** É uma espécie de consequência, né?

**Cadu:** Isso, é uma cascata, né? Um efeito dominó. Você quando modifica o primeiro passo dentro da sua vida, você é uma nova pessoa. Não tem jeito. Só que existe uma forma intencional e direcionada e matemática de tornar o seu cenário de vida um cenário real. Então você não vai trabalhar só no primeiro passo. Depois que você trabalhar no primeiro passo, você vai agregar mais um passo, então você continua respeitando aquele novo modelo de imaginar e você começa a se concentrar no que você imagina, esse é o segundo passo. A gente tem que entender o seguinte: quando a gente faz um dia de exercício de imaginação, as pessoas podem achar que isso é pouco, mas isso não é pouco, né? A mecânica quântica usa uma expressão que eu gosto muito, "colapsar a função de onda", significa dizer o seguinte, quando você imagina um negócio de verdade, aquilo ali realmente ele vai ser visto por você eternamente de uma forma diferente. Quando você vive na tua imaginação e escreve como tem lá no nosso primeiro exercício no diário de um dia, o diário de um dia é engraçado, mas quando você escreve um diário imaginando uma nova realidade, amanhã a tua imaginação automaticamente está trabalhando de uma forma diferente. Automaticamente ela internalizou num nível muito mais profundo aquilo dali.

**Mandi:** Por isso é importante a gente pegar um passo, né amor? E associar o exercício, porque são coisas diferentes. O passo eu estou aprendendo a coisa, o exercício eu estou praticando a coisa. Não adianta só eu aprender também, né? Eu preciso praticar...

**Cadu:** Isso!

**Mandi:** Preciso botar na minha vida.

**Cadu:** E a mesma coisa, né? Então isso fortalece muito, né?

**Mandi:** É

**Cadu:** Por isso que a CIMT English ainda vem pra somar. Então você quer estudar inglês? Estuda por aqui. Pega lá o passoquinho e também estuda em inglês.

**Mandi:** É, se eu tô ouvindo o passo três, vou ouvir o passo três em inglês se for o caso.

**Cadu:** Convergência é o segredo da nossa rotina, convergência é o que vai levar a gente pra altos padrões de resultado, pra altos patamares. Então assim...

**Mandi:** Convergência e repetição.

**Cadu:** Exatamente. A repetição com convergência é uma fórmula...

**Mandi:** Fenomenal.

**Cadu:** É, fenomenal. Então assim, se você agrega na sua vida o primeiro passo, você é uma nova pessoa. Aí depois você vai agregar o segundo passo. Então vê, é um efeito que

se acumula, então você agrega o segundo passo, você potencializou o primeiro. Depois você agrega o terceiro, né? E aí eu vou passar rapidamente aqui todo o nosso modelo, toda essa desaceleração pra vocês internalizarem isso e entenderem. É o que tem de mais importante aqui que vai possibilitar você pensar e tomar suas... e tirar suas próprias conclusões e tomar suas próprias decisões. Então assim, olha, eu modifiquei minha imaginação porque o poder que flui pra mim, flui através de mim, ele simplesmente é. Você que define o que você vai fazer com ele, você que vai dar forma pra esse poder de pensar, tá? Você pode dar uma forma boa, uma forma que não seja tão boa, uma forma mediana. Você que dá forma. Então o poder fluiu pra você, você começa a imaginar de uma forma diferente. Depois você se concentra no que você imagina. Depois você limpa a tua memória pra que ela funcione melhor. Depois você limpa a tua percepção. Você começa a mudar as lentes com que você olha o mundo, depois você fortalece a sua intuição. Depois você aprende a ser um criador de verdade, um criador que sabe formar ideia. A nossa vida é sobre ideias, sabe?

**Mandi:** E isso vai ter uma consequência, vai ter um desdobramento, né? Que é dentro do nosso subconsciente que é a nossa próxima etapa ali.

**Cadu:** Isso, porque no consciente você concebe e no subconsciente você consente, né?

**Mandi:** Sim.

**Cadu:** Você internaliza, você pega o que você concebeu...

**Mandi:** Mas é a mesma coisa.

**Cadu:** É a mesma coisa, só que agora numa versão mais desacelerada.

**Mandi:** É.

**Cadu:** Quer dizer, o pensamento é muito rápido.

**Mandi:** Que inclusive é mais difícil da gente mudar, né? Por isso que a nossa crença é o mais difícil da gente mudar, quer dizer, eu já internalizei esse negócio...

**Cadu:** Demora mais

**Mandi:** Demora mais

**Cadu:** Mas o pensamento é muito rápido, a gente não tem muito controle do nosso pensamento. Então você precisa dessa versão desacelerada, que é a experiência física, pra você conseguir entender o rápido lá, que é o pensamento. Então quando você começa a mudar o seu pensamento, internaliza isso no seu sentimento, seu sentimento é uma coisa mais palpável ali pra você, né? Você fala assim: cara, eu estou sentindo que eu não estou muito bem, eu não sei nem explicar, porque eu não tenho muita consciência dos pensamentos que estão passando, mas eu sei que eu não estou me sentindo bem hoje. E aquilo ali começa a te dar um feedback muito melhor. Aí você vem desacelerando, como? Na sua rotina, no dia a dia ou no seu corpo físico. Porque a pessoa que está ansiosa e não consegue olhar pro corpo dela e perceber ansiedade, ela não consegue desfrutar do máximo que essa experiência possibilita pra gente. A experiência física é a seguinte: cara, já que você não controla o seu pensamento, o seu poder acelerado, deixa eu desacelerar isso. Percebe o seu corpo? Percebe que aqui na região do umbigo de repente você está meio tipo com um desconforto? Você percebe que no estômago está meio desconfortável? Você percebe que quando você briga com uma pessoa você fica mal? Você consegue notar isso? Então, quando você nota isso, você estabiliza isso tudo, a energia flui dentro do seu

Mandi e Cadu Treinamentos e Serviços LTDA © Todos os direitos reservados.

É proibido compartilhar esse PDF

corpo. Significa dizer que você está organizando os seus pensamentos, tá? Então, o nosso modelo é isso, ele vem do pensamento, se agrega com sentimento e se desdobra...

**Mandi:** Se desdobra no plano físico

**Cadu:** No corpo físico, no plano físico que naturalmente vai resultar numa rotina e essa rotina, ela pode ser uma rotina qualquer ou uma rotina inteligente, uma rotina do atleta de mentalidade. Então é isso que a gente tem que fechar aqui, essa versão oito do modelo da CIMT e relembrar isso ao final de cada um dos nossos passos.

**Mandi:** É isso CIMT, um beijo.

**Cadu:** Valeu.

